



"Por um Mundo Novo, a Sério"

intervenções - comentários – reflexões - testemunhos

Evento(s): V.N.Gaia, 2025-03-05

Keyword(s): Política, Associativismo

Leitor(a): Bernardo Vilas Boas

Impressões sobre o livro "Por um mundo novo a sério", de Pedro Ferraz de Abreu

- e contributos para possíveis desenvolvimentos.

Assisti à apresentação deste livro na Assembleia Municipal de Vila Nova de Gaia¹, em março de 2025, com a participação do autor, de J. Pacheco Pereira, de Jorge Sarabando e de Albino Almeida, como moderador. Convidou-me o meu primo Zeca Portela, amigo do autor e meu companheiro desde os anos do liceu, em Viana do Castelo. Na altura em que o li, tinha acabado de ler a autobiografia de Nelson Mandela². Agora, que a convite do autor, escrevo estas impressões, estou a ler "O Capital no Antropoceno"³ e "A Inteligência Natural e a Lógica da Consciência"⁴.

Impõe-se antes de mais esclarecer que isto não é uma análise do livro, não é uma avaliação das apreciações do autor e muito menos um parecer sobre as suas investigações. Como afirmo no título, são impressões, subjetivas e são modestos contributos, para um percurso que considero indispensável.

Do que gostei mais no livro do Pedro Ferraz de Abreu, foi do desafio à esquerda por um mundo novo a sério e da perspetiva de que é possível unir a esquerda em torno deste desafio. Desde logo, na apresentação, foi clara a diversidade de análises da situação em Portugal e no mundo mas, ao mesmo tempo, também se percebeu que não é impossível a unidade, para percorrer o longo e complexo caminho que pode levar a "um mundo novo a sério", lema este que bem poderia ser o mote para um movimento com esse objetivo.

A ampla plataforma de unidade em torno da luta contra o apartheid, liderada pelo ANC e por Nelson Mandela, combatendo extremismos e sectarismos, foi determinante para que a epopeia do povo da África do Sul acabasse vitoriosa.

Para mim, e para o autor, tal como interpreto o livro, um mundo novo a sério, passa pela superação do capitalismo, com a alteração das relações de produção do sistema capitalista. E o desenvolvimento científico, técnico e das forças de produção, vão criando melhores condições para a sua superação. O capitalismo e o imperialismo são um sistema económico e financeiro, cada vez mais irracional, absurdo e mortal para a humanidade e para a vida na nossa casa comum que é a Terra. Claro que é racional para a minoria que dele beneficia.

¹ O local do evento traduziu o empenho da Associação Nacional de Assembleias Municipais (ANAM) e do seu Presidente, Albino Almeida (também Presidente da Assembleia Municipal de V.N. Gaia), no reforço do Poder Local e da democracia.

² Mandela, Nelson - Um longo caminho para a liberdade. Lisboa: Planeta, 2013.

³ Saito, Kohei - O capital no antropoceno. Lisboa: Presença, 2025.

⁴ Damásio, António - A inteligência natural e a lógica da consciência. Lisboa: Temas e Debates, 2025.

Claro que a generalidade das pessoas, em primeiro lugar os trabalhadores, explorados e oprimidos, só beneficiarão com “uma sociedade mais justa, mais digna e mais solidária”.

Uma sociedade radicalmente nova, socialista e um dia, comunista, conforme ao princípio “de cada um segundo as suas possibilidades, a cada um segundo as suas necessidades” é um ideal a atingir, desde a minha juventude. O meu Partido, o PCP, com todos os defeitos, continua a ser o meu e é aquele que está em melhores condições para ter um papel determinante na sua construção, sem qualquer espécie de sectarismo, pelo contrário, contribuindo para a unidade de todas as forças que tenham em comum essa mesma finalidade. Chegar lá, construir um mundo novo a sério, é um processo tudo menos simples – a história já provou que não é uma tarefa burocrática, não é linear, não é apenas de cima para baixo, exige ultrapassar a alienação que hoje domina a grande maioria das pessoas.

“O Capital no Antropoceno”, destacando a grave crise existencial que a civilização enfrenta, em que a atividade económica destrói cruelmente a Terra, condenando a humanidade a uma catástrofe ambiental, considera necessário para uma sociedade mais justa o decrescimento, que o foco se desvie dos lucros das grandes empresas e que se concentre nas necessidades humanas essenciais.

É aqui que entra a luta ideológica, a cultura e a aprendizagem com a solidariedade, com a gestão do que é comum, com a vida em múltiplas dimensões da sociedade, que inclui o trabalho, inclui os sindicatos, mas também as coletividades⁵, as cooperativas⁶, as IPSS⁷, as USF⁸, entre outras, como resulta da teoria e da minha experiência pessoal, de participação ativa em diferentes tipos dessas organizações. Uma revolução não é um dia: temos essa experiência com o 25 de Abril de 1974. Teve a sua preparação, teve o seu desenvolvimento e sabemos também o que foi o seu recuo, o que foi a contra-revolução. Do seu desenvolvimento, temos ainda hoje o essencial da Constituição da República Portuguesa, de 1976, como garante das liberdades e garantias fundamentais, que poderia ser uma base mínima de unidade por um mundo novo a sério. Do seu desenvolvimento e conquistas, já

⁵ https://www.cpcprd.pt/wp-content/uploads/2020/11/Analise-Associativa-n.o-7-Mar-2020_compressed.pdf:

Existem cerca 33.000 coletividades (associações de cultura, recreio e desporto) em Portugal, agregando em conjunto com o associativismo popular mais de 3 milhões de associados em todo o país. A representação nacional é assegurada pela Confederação Portuguesa das Coletividades de Cultura, Recreio e Desporto (CPCCRD).

⁶ <https://cases.pt/wpcontent/uploads/2020/02/relat%C3%B3riocasescooperativasemterrit%C3%B3riosdointerior.pdf>: Dois estudos separados do INE com a colaboração da Cooperativa António Sérgio para a Economia Social (CASES) concluíram que existiam em Portugal 2.343 cooperativas em 2016 (Conta Satélite de Economia Social de 2019) e 2.012 cooperativas em 2018 (Questionário para o Setor da Economia Social - 2018).

⁷ <https://www.seg-social.pt/ptss/pssd/menu/acao-social/entidades-setor-social-publico-lucrativo/instituicoes-particulares-solidariedade-social/ipss-registo>: Portugal conta atualmente com um universo de cerca de 5.650 Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS). A Confederação Nacional das Instituições de Solidariedade (CNIS) congrega milhares destas entidades, que desempenham um papel central na ação social, saúde e apoio à comunidade.

⁸ <https://app.box.com/s/yguzc6sexfealwbipc48ygsie4fuxgky>: 695 USF com 7,9 milhões de utentes, 4814 médicos de família, 4592 enfermeiros de família e 3441 secretários clínicos. As USF baseiam-se numa equipa multiprofissional, com autonomia funcional e técnica, que trabalha em prol de objetivos partilhados de acessibilidade e de qualidade dos cuidados de saúde. O seu sucesso decorre do compromisso com os utentes e de uma mudança organizacional potenciadora das aptidões de cada um, permitindo fazer mais e melhor com menores custos.

não temos, no domínio público, o controlo dos principais meios de produção, condição necessária para uma democracia avançada, económica e cultural. Da contra-revolução, valerá a pena reter o quanto a esquerda esteve dividida e quanta responsabilidade cabe a cada um e a cada partido.

Em Portugal e no mundo, a apropriação da maior parte do que devia ser comum, por uma minoria, em prejuízo da grande maioria, leva-me a ser otimista e a ter a convicção de que um dia essa maioria vai compreender e mudar a atual realidade.

O grupo dos 77+China⁹, a maior organização intergovernamental de países em desenvolvimento nas Nações Unidas, é um fator de esperança. Representam dois terços dos membros da ONU e cerca de 80% da população mundial, focando-se na defesa dos interesses económicos coletivos do Sul Global e numa ordem internacional mais justa.

Sendo essencial para a humanidade, e para a esquerda, a defesa dos direitos humanos, considero que fazem todo o sentido as palavras de José Saramago¹⁰, em 1998:

“Tomemos então, nós, cidadãos comuns, a palavra e a iniciativa. Com a mesma veemência e a mesma força com que reivindicarmos os nossos direitos, reivindicuemos também o dever dos nossos deveres. Talvez o mundo possa começar a tornar-se um pouco melhor”. Nasceu posteriormente a “Carta Universal dos Deveres e Obrigações dos Seres Humanos”, enfatizando que para cada direito existe um dever correspondente. Este documento propõe responsabilidades cívicas, ambientais e sociais, defendendo que os cidadãos devem assumir um compromisso ativo com a comunidade e o planeta¹¹.

Termino estas breves impressões e contribuições em torno do livro de Pedro Ferraz de Abreu, notando, inspirado no pensamento de António Damásio, de que é a nossa consciência humana — imperfeita, viva e assente nos afetos — que detém a capacidade exclusiva de criar laços sociais reais, atribuir significados profundos e lutar por transformações autênticas.

Este livro é, sem dúvida, um grande desafio para o debate entre todas as pessoas empenhadas na criação de uma sociedade e um mundo novo a sério, a começar pela esquerda.

Porto, 08.07.2026 – Bernardo Vilas Boas

Médico de família, foi coordenador da USF Serpa Pinto (2000-9), foi Presidente da Direção da USF-AN (2009-15), integrou o CN da FNAM e a Direção do SMN, é da Direção da UPP (Universidade Popular do Porto) e é Presidente da Mesa da AG da AADID (Associação dos Amigos das Deficiências Intelectuais e Desenvolvementais) e da LAUS (Liga dos Amigos da USF Serpa Pinto).

⁹ <https://www.g77.org/>

¹⁰ <https://www.josesaramago.org/carta-universal-dos-deveres-e-obrigacoes-dos-seres-humanos/>

¹¹ https://www.josesaramago.org/wpcontent/uploads/2022/12/PTdeclaracao_deveres_humanos_paginada.pdf